

1

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objeto central a filosofia moral de Epicuro em suas relações com os temas do prazer e da felicidade. A filosofia deste pensador ofereceu um considerável material para análise, apesar de pouco ter sido conservado para a posteridade, que até hoje se mantém atual, em especial sua ética. Epicuro construiu uma ética que deve orientar o homem para a felicidade, e para este projeto, o Filósofo do Jardim (como se tornou conhecido), fixou seu pensamento no problema do agir humano, em especial, no comportamento dos homens para consigo e para com os outros.

Neste sentido o tema que orientará esta dissertação é como a maestria de si, que se inicia pelo conhecimento da própria constituição física-espiritual, chegando por fim, a uma série de exercícios espirituais no sentido de cultivar a existência, conferiu a Epicuro uma filosofia prática inestimável à aquisição da vida feliz.

Esta dissertação terá por desafio defender essa filosofia como terapêutica. Uma filosofia que visa o equilíbrio – corpo-espírito – dos homens proporcionando um esclarecimento aos indivíduos sobre o que é a verdadeira felicidade (e veremos como o prazer, elo desta dissertação, será elevado como princípio e fim da vida feliz ¹), e ainda capaz de extirpar os medos e dores que assolavam os homens de seu tempo ² e que, forçosamente continuam atuais.

O tempo de Epicuro, o período conhecido como helenismo, (compreendido do fim do século IV a.C. ao fim do século I a.C) geralmente é tido como uma época de decadência do mundo grego, bem como de sua filosofia. Sobre a filosofia produzida neste período, é comum compará-la em originalidade com a

¹ Esta é a passagem mais controversa e espetacular do pensamento epicúreo, pois, assumir o prazer como princípio e fim da vida feliz o situa como um hedonista radical e, neste ponto há uma redução de seu projeto filosófico e, que tentaremos combater nesta dissertação; mas também o coloca como um filósofo da felicidade e da razão que organiza um sistema que valoriza a vida e o reconhecimento dos verdadeiros prazeres. Ver a passagem em: EPICURO. *Carta sobre a felicidade*. Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002, p. 43-45.

² Medo da morte e dos deuses, além de perturbações e dores decorrentes do mau agir.

destacada produção filosófica dos séculos V e IV a.C, mas nessa comparação incorrem deslizes, uma vez que, muitas vezes, são desconsideradas inúmeras transformações que abalam a vida do homem grego.

Apresentou-se muitas vezes o período helenístico da filosofia grega como uma fase de decadência da civilização grega corrompida pelo contato com o Oriente. Várias causas podem explicar esse juízo severo: em primeiro lugar, o preconceito clássico que fixa *a priori* um modelo ideal de cultura e decide que somente a Grécia dos pré-socráticos, dos trágicos e, a rigor, de Platão merece ser estudada; em segundo lugar, a idéia segundo a qual, com a passagem do regime democrático ao regime monárquico e o fim da liberdade política, a vida pública das cidades gregas ter-se-ia extinguido. Os filósofos, abandonando o grande esforço especulativo de Platão e Aristóteles e a esperança de formar homens políticos capazes de transformar a cidade, ter-se-iam resignado então a propor aos homens, privados da liberdade política, um refúgio na vida interior. Esta representação da época helenística, que remonta, creio, ao início do século XX, continua a falsear a idéia que se faz da filosofia deste período ³.

Por este motivo, evitaremos recorrer a comparações que falseiam o que se deveria entender pelo helenismo. Entretanto, não deixaremos de buscar compreender os porquês, analisando não apenas os textos, mas, também, como o tempo histórico atravessou a filosofia de Epicuro e o fez construir um sistema curativo para o homem do seu tempo. As inúmeras transformações escalonam uma série de problemas tanto políticos, quanto pessoais no que toca aos comportamentos. Percebe-se que essas alterações entremeadas aos medos da existência humana, além dos flagelos da guerra, impuseram aos gregos do período helenista uma falta de perspectiva que exigiu dos filósofos, antes de tudo, uma filosofia que curasse os homens, os indicasse o que seria a felicidade ⁴ e o que seria digno e palpável fazer para obtê-la.

Deste modo, não se sabe até que ponto Epicuro desenvolveu sua filosofia para aprofundar o atomismo que o antecedeu, entretanto, seu sistema não pôde simplesmente ignorar o contexto de seu desenvolvimento, e por isso, não há como

³ Hadot faz referência ao estudo “The Failure of Nerve” de G. Murray (In: Four Stages of Greek Religion, 1912), observando que: quase todos os historiadores da filosofia posteriores a Murray (Fustigièrre e Bréhier, por exemplo) estão contaminados por esse preconceito. Ver em: HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo, Edições Loyola, 1999. p. 140 – 141.

⁴ Que para Epicuro é o prazer, e sobre isso veremos nos próximos capítulos como este filósofo desenvolve seu hedonismo, bem como as características que o particularizam.

deixar de pensar na filosofia epicúrea, como, também, uma resposta positiva a crise de seu tempo.

O sistema epicurista tripartido fundava-se a partir da exigência de uma completa compreensão da natureza (Física; tema do primeiro capítulo desta dissertação). Para esse projeto, Epicuro funda uma ontologia na direção do inferior (do invisível) ao superior (visível e material). Sua física econômica, fundada em dois elementos, tornaria possível a compreensão total do macrocosmo: a constituição do universo e a explicação de toda sorte de fenômenos.

O entendimento da física indicaria os passos para compreender os justos critérios para a apreciação das imagens, dos fenômenos e das sensações – para assim transformá-las em idéias e discursos – que se apresentam aos nossos sentidos (Canônica; tema do segundo capítulo). Essas idéias e discursos seriam a base de apoio para o homem no enfrentamento de seus problemas existenciais, citados anteriormente, e em suas ações cotidianas ⁵ (Ética). À essa ética, que deseja libertar o homem ⁶ ensiná-lo a bem viver e reconhecer o prazer (elo da doutrina) como meio para felicidade, dedicar-se-á o terceiro capítulo desta dissertação ⁷.

Nessa tripartição – independentemente das críticas quanto a originalidade de cada uma das partes – é importante perceber o elo que as une como doutrina, o que torna sem sentido estudá-las em separado, pois trata-se de um projeto cujo fim é a felicidade. Segue-se que as questões singulares a cada parte da doutrina convergiam para um projeto final que se afigurava na possibilidade de apontar o que seria a *eudaimonia* – ou seja, uma questão moral (no que toca aos meios de obtenção da vida feliz) discutida em todas as escolas filosóficas da antiguidade.

⁵ Invertemos a ordem que Batista (2003) expôs em sua pesquisa, não como uma crítica, mas como um referencial próprio para nossa dissertação, pois vemos que o projeto de Epicuro tanto para sustentar sua ética, como para assumir a via física como alternativa à via categorial, deveria seguir essas etapas. A esse respeito ver: BATISTA, Romulo Siqueira. *O epicurismo e as imagens do invisível: as relações entre a física e a teoria do conhecimento*. (Dissertação). Rio de Janeiro, 2003.

⁶ Libertação de todos os infortúnios que naturalmente podem se suceder por suas más escolhas, mas, principalmente, uma libertação das ilusões: ilusões de felicidade, de prazer, de amizade, de ser sábio...

⁷ Como objetivo central do capítulo citado, analisar-se-á o que Epicuro concebe como o fim para a vida feliz. Dever-se-á também esclarecer o que ele entende por prazer, chegando assim a uma justa apreciação sobre seu hedonismo, oportunamente aproximando Epicuro aos pensadores de seu tempo e as antecipações de sua doutrina do prazer vista nos filósofos clássicos.

Tendo como meta a *eudaimonia*, fazia-se necessária a busca por um cultivo de si, uma escolha de vida sábia orientada por exercícios ascéticos (tema do qual se ocupa o quarto capítulo desta dissertação) que tornassem o homem melhor na sua busca pela felicidade e, o auxiliasse no lidar com seus prazeres. Deste modo, o sistema estaria completo.

Dando continuidade ao exposto até aqui, conhecer a *physis* e os elementos que tornam possíveis todos os fenômenos, será a tarefa do capítulo seguinte.